

INTELECTUAIS DAS LETRAS AMAZONENSES: IMORTAIS, MADRUGADENSES E ESPECIALISTAS

Fabrcio Magalhães de Souza
Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia – UFAM

RESUMO:

Este artigo estuda as feições geracionais da crítica literária amazonense, organizando-as em três grandes grupos, quais sejam: os imortais da Academia Amazonense de Letras, os madrugadenses, escritores-críticos advindos do Clube da Madrugada, e os especialistas, críticos que atuaram desde a década de 1970 e, depois, aqueles que atuam a partir da universidade, começando na década de 1980. O objetivo principal é revisar a proposta de divisão da crítica literária amazonense proposta por Souza (2020) e Souza e Gabriel (2020), reavaliando o lugar da crítica da primeira metade do século XX, isto é, aquela composta especialmente pelos acadêmicos do Silogeu, e como essas gerações críticas dialogam entre si de tempos em tempos. Adotamos uma abordagem bibliográfica, considerando a crítica literária amazonense como um espaço literário e um processo estruturante e estruturado na produção literária amazonense, seguindo as lições de Erll (2005; 2012), Nora (1993) e Bordieu (1996). Para a proposta de divisão em gerações da crítica literária amazonense, lançamos mão dos estudos de Pedro Lyra (1995) e Rachel Esteves de Lima (1998). Partimos da hipótese de que a crítica literária amazonense pode ser dividida em gerações de maneira aproximada à divisão da poesia brasileira do século XX.

Palavras-chave: Intelectuais; Crítica literária amazonense; Gerações.

INTELLECTUALS OF AMAZONIAN LETTERS: “IMMORTALS”, “MADRUGANDENSES” AND “EXPERTS”

ABSTRACT:

This article studies the generational features of Amazonian literary criticism, grouping them into three large groups, namely: the immortals of the Academia Amazonense de Letras, the madrugadenses, writer-critics from Clube da Madrugada, and the specialists, critics who they have acted since the 1970s and, later, those who work from the university, starting in the 1980s. The main objective is to review the proposed division of Amazonian literary criticism proposed by Souza (2020) and Souza and Gabriel (2020), reassessing the place of criticism in the first half of the 20th century, that is, that composed especially by scholars of the Silogeu, and how these critical generations dialogue with each other from time to time. We adopted a bibliographic approach, considering Amazonian literary criticism as a literary space and a structuring and structured process in Amazonian literary production, following the lessons of Erll (2005; 2012), Nora (1993) and Bordieu (1996). For the proposal of dividing Amazonian literary criticism into generations, we used the studies of Pedro Lyra (1995) and Rachel Esteves de Lima (1998). We start from the hypothesis that Amazonian literary criticism can be divided into generations in a similar way to the division of Brazilian poetry in the 20th century.

Keywords: Intellectuals; Amazonian literary criticism; Generations.

1. Inícios da intelectualidade e de produção literária amazonense

A crítica literária no Amazonas se estabeleceu ainda na primeira metade do século XX, no mesmo período em que a poesia lírica do período chamado Ciclo da Borracha também viviam um momento produtivo. Crise da economia

gomífera, *belle époque*, *arte nouveau* e flutuação estilística, como propõe a leitura teórica e crítico-histórica de Tenório Telles e Antônio Paulo Graça (2020), conjugam-se na produção literária dessa conversão de séculos em que, primeiro, se estabeleceu uma poesia finissecular tardo-romântica, parnasiana e simbolista. Tratava-se, de fato, de uma retomada da atividade artístico-literária, que esteve estagnada desde a publicação, respectivamente, das duas primeiras em Portugal e a última na Bahia: *Muhuraida* (1819), do militar português Henrique José Wilkens, *Obras do literato amazonense Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha* (1850, póstuma), e *Simá: romance histórico do Alto Rio Negro* (1857), do militar brasileiro Araújo Amazonas. Depois disso, à exceção de publicações esparsas em periódicos que circulavam na província, vieram à lume as obras *Nevoeiros* (1872), do carioca Torquato Tapajós, na lírica, e, reinaugurando a prosa de ficção, *Inferno verde: cenas e cenários do Amazonas* (1908), do recifense Alberto Rangel. Nesse ínterim, o carioca João Barbosa Rodrigues publicou *Poranduba amazonense* (1890), primeira reunião das narrativas e poemas da mitopoética dos indígenas do Alto Rio Negro.

De que temos notícia, a primeira crítica que se fez a uma obra literária vinculada à produção literária amazonense é aquela que figura como introdução a esse conjunto de contos, *Inferno verde*, com assinatura do já consagrado Euclides da Cunha. Isso sem levarmos em conta, *latu sensu*, que a própria organização feita do manuscrito (1789) de *Muhuraida*, pelo padre português Cipriano Pereira Alho, não constitui uma forma de crítica literária. Mas o surgimento, ou melhor, organização, de uma intelectualidade local passou pelos primeiros reveses ainda investida de lugares e entidades onde seus participantes circulavam entre as letras e a política. A primeira tentativa de constituição de um lugar de ciência no Amazonas, conforme pontua Charles Falcão (2019), foi o Museu Botânico (1883-1890), cuja existência efêmera, no entremeio entre o Segundo Império e a Primeira República, não logrou sucesso, isto é, continuidade, até que fosse inaugurado um outro em 1943. Ora, essa relação entre *intelectualidade* e *lugar de reunião*, para cultivar as letras e as ciências, já se estabelecera desde a fundação de entidades congêneres no centro político-econômico e cultural brasileiro (a exemplo, Jardim Botânico do Rio de Janeiro-JBRJ, 1808; Instituto Histórico Geográfico Brasileiro-IHGB, 1838; Academia Brasileira de Letras-ABL, 1897).

Será a partir da reunião dos homens de letras daquelas primeiras décadas que se iniciará a história da crítica literária amazonense.

2. A crítica da crítica

Mais recentemente, e em consonância com o que vem sendo feito em outros centros de pesquisa em ciências humanas e letras, “quando a crítica se volta para si mesma, para pensar seus percursos e rediscutir seus pontos fulcrais” (CORDEIRO *et al.*, 2013), o espaço da crítica literária amazonense também tem se voltado para seu próprio itinerário. Não que não houvesse sido feito algo como críticos que leem críticos e os comentam, como ocorre no ensaio *Os intérpretes da Amazônia* (1935), de Péricles Morais. Porém, uma leitura crítica sobre o papel desse importante produtor cultural, o crítico, começou efetivamente a ser feita em algumas dissertações e outras publicações congêneres. A exemplo: Monique Emanuelle Queiroz apresentou um relatório intitulado *Crítica literária no Amazonas: levantamento de uma fortuna crítica para a obra de Luiz Bacellar* (2010); Thays Freitas e Carlos Guedelha apresentaram o artigo *Márcio Souza e Arthur Engrácio: a crítica do crítico* (2014); Allison Leão faz leitura sobre a crítica produzida por Péricles Morais, Arthur Engrácio e Neide Gondim em alguns capítulos de *Amazonas: natureza e ficção* (2011); e Pollyana Furtado sobre *Thiago de Mello: Fortuna Crítica (1951-1960)* (2012).

Também intentamos trabalho que realizasse um estudo abrangente sobre a crítica literária amazonense, com a finalidade de realizar “um inventário sobre sua história e compreendê-la como um processo sociocultural” (SOUZA, 2021, p. 8). Para isso, havíamos proposto dividir e caracterizá-la “em três gerações: a primeira é a crítica impressionista. A segunda e a terceira geração formam, eminentemente, uma crítica acadêmica-universitária” (SOUZA, 2021, p. 8). Como nossa ênfase era tratar sobre essa última tipologia crítica, concentramo-nos nela, propondo que ela se dividia em duas gerações, de *formação* e de *transição*. Quando, então, havíamos caracterizado toda a crítica literária em três gerações, tínhamos a seguinte divisão: primeira geração - *crítica literária impressionista* (abrangia toda a crítica literária da primeira geração até a crítica literária que “entra em cena” a partir da década de 1960); segunda geração - crítica literária universitária formada entre as décadas de 1980-1990, a qual

chamamos de *crítica acadêmica de inauguração*; e terceira geração – crítica literária universitária formada a partir da segunda metade da década de 1990 até a primeira metade da década de 2000, a *crítica acadêmica de transição*.

Hoje, retornando ao nosso trabalho, resultado de pesquisa apresentado em tese (2020) e em um artigo de divulgação científica (2020), corrigimos parte daquelas conclusões iniciais. Primeiro, reconhecemos que no largo tempo que cobre a primeira metade do século XX até, na década de 1960, a entrada da crítica literária advinda dos pares do Clube da Madrugada e de outros autores (Arthur Engrácio, Jorge Tufic, Luiz Ruas, Márcio Souza, Mário Ypiranga Monteiro etc.), não temos, propriamente, apenas uma geração de crítica acadêmica. A bem da verdade, a própria formação da Academia Amazonense de Letras-AAL apresenta-nos uma crítica literária que, primeiramente, publicava seus ensaios literários nas edições da Revista da Academia Amazonense de Letras. Ainda mais, se levássemos em conta a divisão proposta por Pedro Lyra (1995) para a poesia brasileira do século XX, teríamos cinco gerações, e não apenas três, como em princípio intentamos. É essa abordagem que adotamos, mas não adotamos em primeiro plano aquela abordagem proposta por Peregrino Júnior, que divide a produção literária amazônica em quatro fases – a primeira marcado pela influência naturalista, a segunda, pela influência de Euclides da Cunha, a terceira, de sentido ufanista, e a quarta, de orientação modernista (JUNIOR *apud* TUFIC, 1982, p. 22).

(Uma ressalva: destaca-se o Modernismo como medida estética e temporal na produção literária amazonense mais do que o Romantismo, pois na literatura brasileira é esse movimento que representa a sua atualização e internacionalização no universo internacional da literatura, como reivindicado por Mário de Andrade, conforme escreveu Pascoale Casanova (2002, p. 344). Do mesmo modo, autores como Jorge Tufic (1984, p. 13), cientes disso, procuram estabelecer quem primeiro teria sido o poeta modernista no/do Amazonas, e quem primeiro teria discursado sobre a presença modernista no Amazonas. Ele referencia em mais de um ensaio, por exemplo, uma conferência inédita do professor Francisco Ferreira Batista, proferida na Universidade do Amazonas, possivelmente na Escola de Serviço Social, em 1955, que se insere como a primeira tentativa de situar o problema historicamente. O título dela é “Conceituação do Modernismo no Amazonas”).

Ora, Lyra, ao caracterizar a geração da poesia sincretista da geração de 60, propõe o estudo da divisão dos grupos ou autores não, primeiramente, em grupos literários, mas em gerações, tendo em vista a data de nascimento, estreia, vigência, confirmação e retirada dos poetas. Por esse critério geracional-biológico, o autor organizou os poetas que faziam parte daquela geração, bem como “reordenou” os poetas em cinco gerações que foram assim relacionadas aos movimentos literários de seu tempo: Geração Pré-Modernista, Geração Modernista (abrangendo a geração de 22 e 30), Geração de 45 (abrangendo o Concretismo), Geração-60 e Geração de 80 (LYRA, 1995, p. 82-83). Para o autor, o intervalo entre as gerações é de cerca de 20 anos para o surgimento de uma nova em relação à anterior, até chegar-se ao fenômeno em que se tem algumas gerações em presença. Por exemplo, Carlos Drummond de Andrade, poeta da Geração Modernista, na juventude estava na “presença” da Geração Pré-Modernista, e nos seus últimos dias estava em presença de todas as outras gerações.

Embora essa proposta de divisão de gerações na poesia brasileira seja diferente comparada às abordagens tradicionais e desloque alguns poetas de um lugar para outro, e possa mesmo ser acusada de “sociologismo”, ela apresenta alguma clareza quanto ao movimento das gerações de artistas no arco histórico e estético do seu século. Além do mais, distingue geração de movimento e ajuda a iluminar o caso de autores que atravessam gerações, que estão à frente do seu tempo ou que estreiam quando uma geração está se retirando.

Em alguma medida adotamos a proposta metodológica do autor, ao caracterizamos a crítica literária amazonense em gerações, mas reconhecendo autores que ficam em espaço fronteiro, ou mesmo parecem não se enquadrar na geração em que estreiam “oficialmente”, mas sim na geração anterior. Isso fica evidente para os críticos da década de 1980: se levarmos em conta a sua estreia crítico-literária (considerada a partir da defesa de suas dissertações), eles fariam parte de uma crítica literária da Geração 80, porém, se olhássemos para suas datas de nascimento, eles pertenceriam à Geração 60. Diante desses impasses e de certa dificuldade em delinear com exatidão esses movimentos no interior de cada geração, atualizamos parte de nossa proposta inicial, adotando, agora, a seguinte divisão para a crítica literária amazonense:

Imortais, que correspondem à geração de críticos literários ligados à Academia Amazonense de Letras e que “estreiam” no campo literário entre as décadas de 1920 e 1930, aproximadamente (podemos dizer que teríamos aí duas gerações). Eles estariam sincronizados no tempo com o que a historiografia literária tem chamado de Pré-Modernismo e Modernismo (incluindo aí a geração de 1930). *Madrugadenses*, que se referem aos críticos literários que estreiam em livros publicados nas décadas de 1960 e 1970, e reúnem especialmente autores ligados ao movimento artístico-literário Clube da Madrugada. Esses estariam sincronizados com a Geração de 60. *Especialistas*, que se referem, por conseguinte, aos críticos literários que estreiam na década de 1970 com uma abordagem menos impressionista e mais especializada, que se desdobra, nas décadas seguintes, na crítica universitária. Estariam, eles, por sua vez, sincronizados com a Geração 80. A adoção dessas três denominações para abarcar as gerações parte do pressuposto de que muitos desses críticos atuam, em alguma medida, em regiões fronteiriças entre as gerações. Mário Ypiranga Monteiro, por exemplo, que “estreia” como crítico na década de 1940, retornará na década de 1970 e continuará produzindo até sua morte.

Para esta outra abordagem, qual seja, a divisão da crítica literária em impressionista e especializada, apoiamo-nos em Rachel Esteves de Lima (1998). Segundo ela, a crítica universitária se estabelece a partir da formação dos Programas de Pós-Graduação na área de Letras na década de 1970. Resumidamente, ela apresenta as seguintes fases: 1) a crítica de rodapé (ou impressionista) a partir do século XIX; 2) criação de universidades (Universidade de São Paulo, Universidade do Brasil e Faculdade de Filosofia de Minas Gerais) na década de 1930); 3) a inserção da disciplina de Teoria Literária nos cursos de Letras na década de 1960; e 4) a criação dos cursos de Pós-Graduação em Letras naquelas universidades então fundadas, na década de 1970. Para tratar sobre o trabalho da crítica universitária, mantivemos o recorte do *corpus* de análise apresentado nos trabalhos anteriores (2020a; 2020b): consideramos as dissertações e teses que tratam especificamente sobre autores da produção literária amazonense, defendidas por professores-pesquisadores que atuam/atuaram em universidades locais.

Para completar, continuamos adotando a mesma perspectiva (SOUZA & ALBUQUERQUE, 2020, p. 35), qual seja: a de considerar a crítica literária como

um inventário da “memória” de um campo literário, isto é, não só o texto literário é repositório de uma memória (ASTRID ERLI, 2005; 2012) e, como literatura, um memorial literário: a crítica literária também é criadora (e mantenedora) de um lugar de memória (Pierre Nora, 1993), isto é, o da historiografia que ela mesma cria ao funcionar como leitora de textos líricos e narrativos. Feita esta introdução, vamos aos imortais, madrugadenses e especialistas (SOUZA & ALBUQUERQUE, 2020, p. 35).

3. Imortais

No Amazonas, uma tentativa de organização de uma entidade artística e cultural foi retomada por meio de entidades que foram mudando de nome incorporando novos membros: Associação literária (1906), depois Núcleo Amazonense de Letras, Assembleia Literária (1912). Porém tais entidades não prosperaram, conforme nos informa o *histórico* da AAL. Enquanto isso, o Ginásio Amazonense Pedro II (1886) e a Universidade Livre de Manaus (1909) iam também se constituindo em lugares sociabilidade, disputas e de formação teórica, técnica e instrucional da intelectualidade manauara. Nos fins de 1917 surgiam, como remanescentes ideais das entidades anteriores, a Sociedade Amazonense de Homens de Letras, embrião da Academia Amazonense de Letras-AAL (1920), e o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas-IGHA (1917).

Dessas duas entidades se estabelece o primeiro grupo (ou geração), se assim podemos dizer, de intelectuais das letras amazonenses: os imortais da Academia.¹ As publicações não periódicas das revistas de ambas as instituições, além da publicação de textos em jornais de circulação local-regional e, propriamente, as obras, foram os suportes de divulgação de suas ideias, conjugando, primeira vez, imprensa, governo e editoras, ainda no caldo da Primeira República. Podemos divisar até a década de 1950 a formação de duas gerações de intelectuais em trânsito, boa parte deles produzindo trabalhos relacionados à crítica literária na década de 1930. Péricles Moraes, autor de

¹ Entre os nomes dos fundadores da AAL, segundo consta no site da entidade, encontram-se: Jonas da Silva, Octavio Sarmiento, Thaumaturgo Vaz, Maranhão Sobrinho, Adriano Jorge, Coriolano Durand, Virgílio Barbosa, Araújo Lima e João Leda. Entre aqueles que exerceram o ensaio de crítica literária e biografia, Jorge Tufic destaca Péricles Moraes, Washington César Melo, Aristóphano Antony e Leopoldo Peres.

Legendas e águas-fortes (1935) era um dos principais representantes da primeira geração, um dos fundadores da Academia. Um ano antes, o alagoano Anísio Jobim fazia publicar a primeira obra que reunia aspectos biográficos e literários de autores amazonenses, o livro *A intelectualidade no extremo norte (contribuições para a História da Literatura no Amazonas)*. Sem ter publicado crítica literária, mas sendo reconhecido por seus pares e discípulos como um líder espiritual e intelectual de seu tempo, encontrava-se também Álvaro Maia – assim o considera Mário Ypiranga Monteiro em seu ensaio memorialístico *Mocidade Viril 1930: Motim Ginasiano* (1996).

Despontando da geração de transição vinham Djalma Batista, que publicou *Letras da Amazônia*, em 1938, e Mário Ypiranga Monteiro, que publicava uma crítica lítero-biográfica em 1946, *In Memoriam de Cid Lins*, mas, só faria publicar propriamente seus estudos de teoria e crítica literária na década de 1970: *Fatos da literatura amazonense* (1976) e *Fases da Literatura amazonense* (1977). Entre um e outro, há uma sensível conversão da chamada crítica impressionista para a crítica especializada, na época em que, segundo José Ribamar Mitoso (2000, p. 20), os métodos de análise influenciados pelo estruturalismo e pelo marxismo começam a circular no ambiente universitário amazonense. Se organizássemos as obras *princeps* dos artistas e intelectuais da Academia, teríamos o seguinte:

CRÍTICA LITERÁRIA – IMORTAIS DA ACADEMIA

Primeira metade do século XX

AUTOR(A)	TÍTULO DA OBRA DE REFERÊNCIA	ANO
Anísio Jobim	<i>A intelectualidade no Extremo Norte (contribuições para a História da Literatura no Amazonas)</i>	1934
Péricles Morais	<i>Legendas & Águas-fortes</i>	1935
Djalma Batista	<i>Letras da Amazônia</i>	1938
Mário Ypiranga Monteiro	<i>In Memoriam de Cid Lins</i>	1946

Importa lembrar que essa geração foi a que dialogou de perto com os intelectuais do CNFL (Comissão Nacional do Folclore), fundada em 1947. Em outro texto, escrevemos que a

congregação em torno de uma ideia de Brasil que é diversificada e abrangente, terá

impacto na cultura amazonense, especialmente porque alguns de seus intelectuais, especialmente Arthur Reis, Mário Ypiranga Monteiro e Nunes Pereira, participarão ativamente desse diálogo e construção da nova identidade brasileira. (SOUZA; ALBUQUERQUE, 2020, p. 39).

Outros artistas e intelectuais que pertencem ou a primeira ou à geração de transição da AAL, ou que, não estando a ela ligados, chegaram, porém, a publicar ou reunir suas obras de crítica literária entre as décadas de 1960 a 1990. A exemplo: Anísio Mello (*Páginas de crítica*, 1964), Aristophano Antony (*Sombras e reflexos*, 1967) e João Nogueira da Matta (*Nos domínios da literatura*, 1990). Outro intelectual, esquecido, da geração de transição dos imortais que inauguraria um estudo crítico da poesia de Elson Farias, do Clube da Madrugada, foi Mendonça de Souza, em *O poeta e a forma exata*, de 1972. Mas sem nos adiantarmos, tornemos à geração dos acadêmicos da AAL. Especialmente nas figuras de Péricles Moraes e Djalma Batista queremos concentrar nosso olhar, uma vez que eles representaram, com sua postura intelectual, dois movimentos no interior da Academia. Como pontua Marco Aurélio Paiva (2015), Moraes foi um dos mais importantes intelectuais amazonenses que, nas décadas de 1920-1930, especialmente, estabeleceu as representações literárias da Amazônia fazendo tributo à influência de Euclides da Cunha, no ensaio “Os intérpretes da Amazônia”, publicado em *Legenda e águas-fortes*. Vale, neste ponto, abrir um parêntese para trazer uma percepção de leitura inovadora intuída por Jorge Tufic (1982), mas desenvolvida efetivamente por Neide Gondim (2002), que explica as feições que a narrativa de ficção assumiu na produção literária amazonense, o que veio, ainda, a influenciar a maneira da crítica literária ler e interpretar nossas obras, naquelas primeiras décadas do século XX.

Gondim (2002) identifica um processo de bifurcação no Modernismo que poderia explicar como a produção literária amazonense corria contracorrente àquele: enquanto havia uma obra que se voltava para o cenário político, por exemplo, o romance regionalista de 30, a outra busca outro espaço e outro tempo para construir uma outra nação, “e a essencialidade brasileira no mito estava, de fato, localizado na Amazônia.” (GONDIM, 2002, p. 87) Ocorre que, se nesse processo de bifurcação do Modernismo houve a produção de obras como

Macunaíma (1928) e *Cobra Norato* (1931), no espírito renovador do movimento, na prosa de ficção do Amazonas havia outra dimensão de representação literária que não processou essa mesma proposta (ou processou-a de outra forma), fundada na mudança de hierarquização das personagens.

De acordo com a pesquisadora, os escritores inicialmente priorizavam o homem, depois, num segundo momento, davam realce à natureza e esta, posteriormente, substituiu e anulou o homem (GONDIM, 2002, p. 87). Antes do estabelecimento do Modernismo no campo literário brasileiro, esse processo de anulação do homem ocorrera por aqui, carregado por uma visão determinista/naturalista que se cristalizou entre os estetas amazonenses, cuja influência adviera da presença literária de Euclides da Cunha como um autor que conseguiu, via linguagem, representar a Amazônia em toda sua grandiosidade. Fechemos o parêntese e prossigamos, sem nos esquecer disso, como aquela geração lidou com a influência do Modernismo.

Anos mais tarde, o poeta e crítico literário Alencar e Silva lembraria que um outro dos líderes da Academia, João Leda, fizera tenaz oposição aos cânones da Semana de Arte Moderna por ocasião da passagem de Mário de Andrade a Manaus em 1927. Mas, curiosamente, um dos fundadores da AAL foi um dos primeiros a publicar um poema hoje reconhecido como obra de feições modernistas: Octávio Sarmiento, autor de *A Uira* (1922). O texto foi estabelecido por Zemaria Pinto em publicação de 2007.

Já na gestão de Djalma Batista, a AAL no final da década de 1960 abria as portas para a nova geração de intelectuais que, uma década antes, eram seus opositores. Na sua gestão, foram recebidos como imortais os escritores-críticos Elson Farias e Jorge Tufic. Na década de 1930 a AAL já recebera nossa poeta Violeta Branca e, na década de 1950, Thiago de Mello. Gleiciane Kinebre e Allison Leão (2016) levantam a hipótese que a recepção do jovem poeta amazonense que se consagrara nacionalmente na capital da república, Rio de Janeiro, era uma reação aos escritores do Clube da Madrugada, que também criavam seus próprios mecanismos de reconhecimento e consagração, por meio, por exemplo, da publicação da *Pequena antologia madrugada* (1955), organizada por Jorge Tufic, e, quando da “cisão” do grupo, do Prêmio Jaraqui de Literatura, em 1968, promovida pela União de Escritores do Amazonas-UBE/AM, que premiou, entre outros, o escritor e crítico literário Arthur Engrácio pelos seus

ensaios em *A berlinda literária*, publicada em 1976. Esses escritores-críticos fazem parte da geração dos madrugadenses (vale destacar que outro mecanismo de consagração e divulgação dos artistas do Clube foram as páginas do Suplemento Madrugada, publicadas entre as décadas de 1960 e 1970 em jornais de circulação local).

4. Madrugadenses

No interior do próprio movimento artístico-cultural Clube da Madrugada (CM), fundado em 1954, há continuidades e rupturas, formação de gerações e autores-escritores que eram alienígenas a eles e que também produziram trabalhos de crítica que foram marco nos estudos literários do Amazonas. Mas, para efeito de estudo de sua produção crítica, consideraremos que nas décadas de 1960 a 1980 estamos diante de apenas uma geração de escritores-críticos, quer façam parte ou não do CM, destacando-se os nomes de Arthur Engrácio, Jorge Tufic e Luiz Ruas, que publicou seus *Graus do poético* em 1979.

Ora o Clube da Madrugada, com sua produção literária iniciada na metade da década de 1950 e produzindo ativamente pelas três décadas seguintes, faz parte de uma geração de artistas influenciados e influenciadores dos movimentos da Geração de 45 (e do Concretismo, cuja expressão local foi a Poesia de Muro) e a Geração de 60, e ainda estão em plena atuação quando uma nova geração de artistas, da Geração de 80, ganha expressão. Sobre essa geração, faremos referência mais à frente. Por ora, tratemos sobre a produção literária da Geração Madrugada.

O escritor e crítico literário mais produtivo foi Arthur Engrácio. Os seus ensaios escritos entre 1954 e 1975 foram reunidos e publicados na *A berlinda literária* (1976), que recebera o prêmio Jaraqui de Literatura, organizado pela UBE-AM, em 1968. Antes desse, ela já publicara aquela que foi a primeira antologia de contos dos ficcionistas do Clube da Madrugada, *Antologia do novo conto amazonense* (1971). Ele prosseguiria com sua atuação como crítico pelas décadas seguintes reunindo e publicando, ainda: *Um olho no prato, outro no gato* (1981), *Pingo nos ii* (1983), *Poetas e prosadores contemporâneos do Amazonas* (1994) e *Os tristes* (1997). Também se destaca Jorge Tufic, que publicou seu primeiro trabalho crítico no *Livrorral* (1978), seguido de *Existe uma literatura*

amazonense? (1982), *Roteiro da literatura amazonense* (1983) e *Clube da Madrugada: 30 anos* (1984), para destacar as principais publicações do autor na década de 1980. Ainda naquela década, publicou seu trabalho de crítica, Anthístenes Pinto (*Literatura: novos horizontes*, 1984). Outros só mais tarde reuniram ou fariam seus ensaios, em forma de memória, muito tempo depois, como foi o caso de Alencar e Silva, com os *Quadros da moderna poesia amazonense* (2011) e Astrid Cabral, em *Sobre escritos* (2015).

CRÍTICA LITERÁRIA – IMORTAIS, MADRUGADENSES E ESPECIALISTAS

Segunda metade do século XX

AUTOR(A)	TÍTULO DA OBRA DE REFERÊNCIA	ANO
Anísio Mello	<i>Notas de crítica</i>	1964
Aristóphano Anthony	<i>Sombras e reflexos</i>	1967
João Mendonça de Souza	<i>O poeta e a forma exata</i>	1972
Arthur Engrácio	<i>A berlinda literária: notas de leitura</i>	1976
Mário Ypiranga Monteiro	<i>Fatos da literatura amazonense</i>	1976
Djalma Passos	<i>Notas de literatura contemporânea</i>	1977
Márcio Souza	<i>A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo</i>	1977
Luiz Ruas	<i>Os graus do poético</i>	1979
Jorge Tufic	<i>Existe uma literatura amazonense?</i>	1982
Antisthenes Pinto	<i>Literatura: novos horizontes</i>	1984

Há um entrelaçamento entre a produção crítica dos artistas que fizeram parte do movimento Clube da Madrugada, a quem temos chamados aqui de madrugadenses, e outros artistas que, não fazendo parte daquele movimento, começam também a produzir e publicar seus trabalhos de crítica literária ainda na década de 1970. Quem se destaca nesse espaço é Márcio Souza, com *A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo* (1977). Podemos dizer que seu trabalho, ao lado do trabalho crítico de Jorge Tufic e Mário Ypiranga Monteiro fazem parte do que temos chamado aqui de crítica dos especialistas. O que há em comum entre elas é uma abordagem lastreada pela Teoria da Literatura, pela Antropologia e pela Sociologia da Cultura. Dali para a década seguinte haveria um diálogo entre críticos impressionistas, madrugadenses e especialistas. O poeta Aldisio Figueiras, por exemplo, publicou seu ensaio “Literatura e poder” na *Arte e delírio: reflexões sobre a cultura amazonense*

(1985), que reunia ensaio seu e de outros autores, entre eles alguns daqueles da universidade, que viriam a formar o movimento Gens da Selva: Narciso Lobo, Antônio Paulo Graça, Dori Carvalho e Bosco Ladislau. Parece-nos que Márcio Souza não chegou a ser oficialmente integrado ao CM por questões relacionadas estritamente às limitações do estatuto do Clube. Parece-nos, ainda, que Figueiras fez parte de um movimento efêmero chamado Clube do Arrebol, embora não tenhamos mais localizado o periódico onde constasse essa informação (a informação certa é a de que ele fez parte do Grêmio Literário Mário de Andrade). Ainda nesse ínterim, autores relacionados à crítica universitária começam a publicar seus textos: Marcos Frederico Krüger publica o artigo “Poesia Sol”, sobre a 1ª edição de *Sol de Feira*, de Luiz Bacellar, em 1975, no *Jornal da Amazônia*.

5. Especialistas

A geração dos especialistas, que se desdobra numa geração atuante na década de 1970, de onde emergiram nomes como Jorge Tufic e Márcio Souza, completa-se com a presença dos críticos formados em Programas de Pós-Graduação na área de Letras. Deles citaremos suas obras de referência, isto é, dissertações e teses que, e quando foram transpostas em livro, entraram para o acervo da crítica literária amazonense. Podemos relacionar essa geração, ligada ao ambiente universitário, à Geração de 80. Nesse período, já se reconhece na produção literária amazonense uma geração pós-madrugada. O reconhecimento vem a partir da publicação da *Antologia de novos poetas do Amazonas*, organizada por Aníbal Beça e André Gatti, em 1988. Ela reuniria os poetas pós-geração madrugada e a novíssima geração. Mas pelas suas datas aproximadas de nascimento (segunda metade da década de 1950 e primeira metade da década de 1960), se em termos de pertença literária eles formariam grupos, em termos de geração quase todos podem ser relacionados genericamente à Geração 80, isto é, a toda a geração de poetas que “entra em cena” nessa década. A ressalva caberia, por outro lado, para o próprio Aníbal Beça e Aldisio Figueiras, que poderiam ser relacionados à geração da Poesia de 60, que é a década de suas estreias na literatura (respectivamente, nas obras *Convite frugal*, de 1966, e *Estado de Sítio*, de 1968, este último censurado pela ditadura).

A geração da crítica acadêmico-universitária pode propriamente ser chamada de geração de inauguração dos estudos no ambiente universitário. E alguns professores universitários faziam parte de um movimento artístico que surgira em nos fins da década de 1980, o Grupo Gens da Selva. Segundo Simão Pessoa (2011), o movimento fora primeiro fundado em 1987, tendo como sede o “Bar do Armando”, e reunia entre seus membros artistas e intelectuais que, na década de 1970, estavam envolvidos com o movimento da poesia alternativa (ou poesia marginal): Almir Graça, Aníbal Beça, Arnaldo Garcez, Carlitos Ferraz, João Bosco Ladislau, Manuel Galvão, Marcos Gomes, Mário Adolfo, Narciso Lobo, Paulo Graça, Rui Sá Chaves e Simão Pessoa.

Alguns deles estão entre os que idealizaram o primeiro mestrado em Letras na então Universidade do Amazonas, em 1998, mas que veio dar origem ao atual Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, que foi pioneiro a abrigar e orientar pesquisas sobre a produção literária amazonense. Fica relativamente difícil dividir a geração de críticos literários que atuarão no ambiente universitário a partir da década de 1980 em grupos distintos, uma vez que suas datas de nascimento os colocariam, rigidamente, se fossem poetas, em gerações distintas (Geração de 60 e Geração de 80), por isso optamos por dividi-los em dois grupos: a geração de inauguração e a geração de transição, tendo em conta a defesa de suas dissertações como primeiros trabalhos crítico-universitários sobre a produção literária amazonense – que em larga medida é uma representação da vida manauara. Para a geração de inauguração, relacionamos os pesquisadores que defenderam suas dissertações na década de 1980, enquanto a geração de transição, mais longa em termos de arco temporal, reúne pesquisadores que defenderam suas dissertações entre a segunda metade da década de 1990 e primeira década de 2000. Essa divisão é, em alguma medida, arbitrária, mas em termos de continuidade ela pode ser considerada porque quase todos os professores que fazem parte do segundo grupo foram influenciados em alguma medida por professores do primeiro grupo, quer como alunos, quer como orientandos. Desse modo, teríamos:

CRÍTICA LITERÁRIA UNIVERSITÁRIA DE INAUGURAÇÃO

Décadas de 1980-1990

AUTOR(A)	TÍTULO DA DISSERTAÇÃO/TESE	ANO	INSTITUIÇÃO
Marcos Frederico Krüger Aleixo	<i>Introdução à poesia amazonense: com apresentação de autores e textos</i> [dissertação]	1982	UFRJ
	<i>Recriando a Criação: Natureza e Cultura em Mitos Amazônicos</i> [tese]	1997	PUC-Rio
Neide Gondim de Freitas Pinto	<i>A representação da conquista da Amazônia em Simá, Beiradão e Galvez, imperador do Acre</i> [dissertação]	1982	PUC-RS
	<i>A invenção da Amazônia</i> [tese]	1992	PUC-SP
Antônio Paulo Batista Graça	<i>O índio imaginário: Percurso da personagem indígena no romance brasileiro</i> [tese]	1996	UFRJ
Maria do Socorro Farias Santiago	<i>A imagem do rio na poesia amazonense contemporânea</i> [dissertação]	1982	PUC-PR

CRÍTICA LITERÁRIA UNIVERSITÁRIA DE TRANSIÇÃO

Décadas de 1990-2000

AUTOR(A)	TÍTULO DA DISSERTAÇÃO/TESE	ANO	INSTITUIÇÃO
Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira	<i>A polifonia poética em Galvez, Imperador do Acre: problematização da tradição oral da historiografia e da ficção amazônica</i> [dissertação]	1996	USP
Gabriel Arcanjo Santos de Albuquerque	<i>Tradição e memória: a poesia de Luiz Bacellar em três movimentos</i> [dissertação]	1997	USP
Ana Amélia Guerra	<i>Raízes e Ruínas: O mito e a história no romance Dois irmãos de Milton Hatoum</i> [tese]	2009	UFRJ
Carlos Antônio Magalhães Guedelha	<i>Manaus de águas passadas: a reconstrução poética de Manaus em Visgo da Terra, de Astrid Cabral</i> [dissertação]	2001	UFAM
	<i>A metaforização da Amazônia em textos de Euclides da Cunha</i> [tese]	2013	UFSC
Maria Sebastiana Moraes Guedes	<i>A máscara de Deus</i> [dissertação]	2001	UFAM
Allison Marcos Leão da Silva	<i>A cidade que existe em nós: a marca do urbano na poesia de Aldísio Filgueiras</i> [dissertação]	2002	UFAM
	<i>Representações da natureza na ficção amazonense</i> [tese]	2008	UFMG
Auricléia Oliveira das Neves	<i>Amazônia na visão dos viajantes do séc. XVI e XVII: percurso e discurso</i> [dissertação]	2005	UFF

Nícia Preteceli Zucolo	<i>Contos de sagração: Benjamin Sanches e a experimentação estético-formal na Literatura Brasileira</i> [dissertação]	2005	UFAM
Maria Lúcia Tinoco Pacheco	<i>Contos Amazônicos de Inglês de Sousa: tensões estilísticas na representação da Amazônia</i> [dissertação]	2008	UFAM
	<i>A literatura de viagem e as cosmogonias indígenas em Stradelli e Nunes Pereira</i> [tese]	2017	UFAM
Maria Luiza Germano de Souza	<i>O sertão revisitado: o regionalismo literário amazônico em Elson Farias e Milton Hatoum</i> [dissertação]	2010	UFAM
Victor Leandro da Silva	<i>O norte impossível - ficção, memória e identidade em narrativas de Milton Hatoum</i> [dissertação]	2011	UFAM
	<i>A Margem e o Tempo: Subjetivismo, Universalidade e Ficção</i> [tese]	2016	UFAM

Vale ainda ressaltar que será ainda na década de 1990 que escritores que estrearam na década anterior como poetas, ficcionistas e dramaturgos atuarão como críticos literários, iniciando com preparação de materiais didáticos: *Resumo comentado das obras para o vestibular do Amazonas* (1995), de Tenório Telles, e *Análise literária das obras do vestibular 2000* (1999), de Zemaria Pinto, em parceria com Marcos Frederico Krüger. Esses autores atuaram no também no ambiente editorial, contribuindo decisivamente na republicação de obras que haviam ficado na primeira edição. Logo, eles continuam ou trabalham, em alguma medida, sobre as bases fincadas pela geração anterior. As exigências do novo tempo vinham dos editais da então Universidade do Amazonas, que incluía autores amazonenses na sua grade de estudos. Sobre isso, lembrou Vitor Gondim:

Eu e o Tenório pertencemos à terceira geração que teve usufruto do trabalho de Artemis Veiga, Marcos Frederico Krüger e Neide Gondim. Os três pesquisavam e estudavam a produção literária amazonense. Por consequência, criaram a disciplina Literatura Amazonense, onde ministravam de modo competente, sistemático e interessado, saberes de crítica literária à produção amazonense, incluindo a sua historiografia. (GONDIM, 2014, p. 14).

Do mesmo modo, teremos também a atuação de críticos literários autônomos em relação ao ambiente universitário, tal como é o caso de Gaitano Antonaccio (*Jorge Tufic: um peregrino das letras*, 2004) e Roberto Mendonça

(*Cinema e crítica literária* de Luiz Ruas, 2010), dedicando-se eles a pesquisa que vai além da literatura.

Inconclusões

Se o trabalho dos intelectuais polígrafos ou impressionistas, os imortais, lançou as bases sobre as quais construirão alicerces ou intentarão os madrugadenses derruir para formar novos, vieram nesse bojo o trabalho dos primeiros especialistas na década de 1970. Já nas décadas de 1980 e 1990 outra geração de especialistas, dando prosseguimento aos estudos, especialmente editoriais, construídas pela geração anterior, com quem estão em franco diálogo, agora transitam no seio universitário.

Esse período equivalerá também ao recrudescimento da presença da crítica literária amazonense dos jornais para tornar-se especializada, porque os críticos publicam por editoras universitárias, e reclusas, porque agora suas obras circulam num ambiente restrito entre a universidade e sua extensão. Esse fenômeno não é, de longe, localizado. Ele ocorreu, com suas particularidades, em outros lugares do Brasil. Depois de um certo período de “silêncio”, a crítica universitária viverá seu auge, por exemplo, com as dissertações e teses que se tornarão livros, publicados por uma geração de transição que na verdade parecem ser duas gerações de críticos literários universitários. Uma geração está entre a década de 1990 até a primeira metade da década de 2000, quando se encontra com outra geração, aquela que, em sua maioria, eles orientaram. José Almerindo (2018) chamou essa nova geração de amazonhecer, embora não seja possível precisar ou afirmar que os críticos literários universitários estejam organizados em torno de um projeto literário, senão de filiação interacadêmica, como têm sido os esforços para a formação do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários da Região Norte-GELLNORTE, com o intuito de fortalecer os Programas de Pós-Graduação em Letras do norte brasileiro, em diálogo e trânsito com outros grupos de estudos nacionais e internacionais.

Muito embora seja possível precisar que a geração da década de 1990-2000 seja, propriamente, uma geração de críticos literários porque quase todos continuaram produzindo nessa direção mesmo após a defesa de suas dissertações e teses sobre a produção literária amazonense, aliando a isso orientações acadêmicas, a geração que lhe dá seguimento ainda está em

processo de formação teórico-crítica ou recentemente saiu dela, talvez ali a partir das décadas de 2010 e 2020, enquanto um novo fluxo de futuros pesquisadores dá entrada nos Programas de Pós-Graduação país afora. Um selo importante dessa geração, que aqui temos chamado de “segunda geração de especialistas” ou “geração de transição”, é que eles, juntamente com alguns professores pesquisadores da geração anterior e pesquisadores vindos de outras partes do Brasil, fundaram dois Programas de Pós-Graduação em universidades públicas locais: o de Letras, em 2010, na Universidade Federal do Amazonas – continuadora da Escola Universitária Livre de Manáos; e o de Letras e Artes, em 2011, da Universidade do Estado do Amazonas, fomentando, assim, novos centros de formação e pesquisa. Uma consulta sobre a recente produção dos novos estudantes de crítica mostra a entrada das variações dos Estudos Culturais em suas abordagens crítico-teóricas. Sobre esse aspecto, qual seja, a importância da crítica universitária, escreveram recentemente Allison Leão e Mariana Viera (2021), comentando textos em torno da obra de Luiz Bacellar:

[...] ao longo das décadas em que Bacellar atuou seu reconhecimento local se estabeleceu por meio do circuito de opiniões que prevaleceu durante o período no Amazonas, formado sobretudo pela crítica proveniente de pares do campo artístico.

[...] Uma mudança substancial na cena crítica amazonense começou a se construir com o aparecimento de críticos cuja atuação se dava a partir da universidade. Não à toa, o primeiro texto com claro método a analisar a poesia de Bacellar é o ensaio que Marcos Frederico Krüger publicou em 1975 por ocasião da 1ª. Edição de Sol de feira. [...]

A crítica engendrada no contexto universitário se constituiu inicialmente por nomes emblemáticos como os de Marcos Frederico, Paulo Graça e Socorro Santiago – para citar apenas alguns que ampliaram a compreensão da poesia de Bacellar, devendo também ser mencionado (em outro ambiente de atuação) o trabalho de Márcio Souza no fim da década de 1970. Mas foi com o surgimento dos programas de pós-graduação da UFAM e da UEA nas áreas de Letras e Artes (2010 e 2011, respectivamente) que esse campo da crítica ganhou corpo. O amadurecimento das pesquisas especializadas fruto dessa primeira década dos cursos de mestrado de ambas as instituições têm gerado uma expansão em largura e altura do tratamento de temas e problemas da literatura e cultura amazonenses. É precisamente o que ocorre com a instigante obra de Bacellar,

cujo interesse entre jovens pesquisadores tem se ramificado e consolidado. (2021, p. 9-10)

Ainda é cedo para dizer qual direção eles irão tomar, e se continuarão a produzir crítica literária, lidando com novos suportes e velhos e novos dilemas que norteiam essa atividade, mas sabemos, por ora, que temos gerações que dialogam, chocam-se e estão a perder de vista e que, nessas últimas quatro décadas, com raras exceções, a tendência é que as novas gerações de crítica literária se formem não (ou somente) no seio dos grupos de estudos e dos coletivos literários, mas nas cadeiras da universidade. Além disso, iniciativas em conjunto, entre professores e alunos, têm gerado uma série de livros que reúnem estudos de crítica literária, cujo primeiro livro parece ter sido *Trilhas da literatura amazonense* (2008), organizado por Marcos Frederico Krüger e que reúne ensaios de seus alunos da disciplina de Literatura Amazonense, do segundo semestre de 2007, ministrado na Universidade do Estado do Amazonas. Entre seus autores, alguns fazem parte de um dos recentes movimentos literários que entra em cena pós-Clube da Madrugada, o Clam – Clube Literário do Amazonas.

Concluimos retomando observação que fizéramos em outro trabalho, qual seja, a de que as gerações da crítica literária amazonense

atuaram e têm atuado como formadoras e estruturantes do campo da crítica literária. Isso ocorre tanto na formatação da estrutura do imaginário científico quanto do caráter interdisciplinar que o estudo crítico tem assumido desde seu nascedouro, ainda que se direcione institucionalmente para organizações disciplinares – a literatura é, por sua natureza, interdisciplinar. (SOUZA, 2020, p. 186).

Com essa nova proposta de releitura daquela que havíamos então proposto, conservamos o que dissemos com relação à crítica impressionista e especializada da década de 1970 e o que dissemos com relação à crítica acadêmico-universitária das décadas de 1980, 1990 e 2000. Por outro lado, reavaliamos o papel e o lugar da crítica literária da primeira metade do século XX, reconhecendo que ela não é uma expressão esparsa de uma só geração de pouco mais de meio século unida num só “rótulo” a uma geração de críticos literários impressionistas, como havíamos antes proposto, e que reunia num mesmo arco os imortais e os madrugadenses. Desse modo, este artigo uma

correção e é uma amostragem e inventário sobre o que tem sido realizado em termos de crítica literária amazonense nessa mesma direção nos últimos anos, sendo qualquer falta ou omissão de inteira responsabilidade de seu autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Academia Amazonense de Letras. **Histórico**. Disponível em: <<https://academiaamazonensedeletras.com/historico/>>. Acesso em 09 dez. 2021.

CORDEIRO, Rogério; WERKEMA, Andréa Sirihal; SOARES, Cláudia Campos; AMARAL, Sérgio Aleides Pereira do. **A crítica literária brasileira em perspectiva**. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2013

COSTA, Selda Vale. Por rios amazônicos: conversas epistolares com Nunes Pereira. In: BASTOS, Élide Rugai; PINTO, Renan Freitas (orgs.). **Vozes da Amazônia: investigação sobre o pensamento social brasileiro**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007, p. 271-313.

BORDIEU, Pierre. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário (Trad. Maria Lúcia Machado). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ERLL, Astrid. **Memoria colectiva y culturas del recuerdo** (Trad. Jobanna Córdoba y Tatjana Louis). Bogotá: Universidad de los Andes, Facultad de Ciencias Sociales. Departamento de Lenguajes y Estudios Socioculturales, Centro de Estudios Socioculturales e Internacionales. Ediciones Uniandes, 2012.

ERLL, Astrid; NÜNNING, Ansgar. Where literature and memory meet: towards a systematical approach to the concepts of memory used in literary studies. In: **Literature, Literary History, and Cultural Memory. Edited by Herbert Grabes. Yearbook of Research in English and American Literature 21**. Gunter Narr Verlag Tübingen: 2005. Trad. Simone Garcia de Oliveira (não publicada).

FALCÃO, Charles Maciel. **O Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas e os itinerários da construção de um campo intelectual em Manaus-am**. 269 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura no Amazonas). Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2019.

GONDIM, Neide. O nacional e o regional na prosa de ficção no Amazonas. In: **Leituras da Amazônia: revista internacional de arte e cultura**. Ano I, n.º 2. Manaus: EDUA; CRELI(T); Valer, 2002, p. 83-125.

GONDIM, Víctor Carlos da Silva. “Nota amiga”. In: TELLES, Tenório. **Clube da Madrugada: presença modernista no Amazonas**. Manaus: Valer, 2014, p. 13-20.

KINEBRE, Gleiciane; LEÃO, Allison. A imortalidade acadêmica na Academia Amazonense de Letras. **Revista da Academia Amazonense de Letras**, no 98, n.º 35 (2016). Manaus: Academia Amazonense de Letras, 2016, p. 15-31.

KRÜGER, Marcos Frederico. **Introdução à poesia amazonense: com apresentação de autores e textos**. 299 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1982.

LEÃO, Allison; VIEIRA, Mariana. Nota introdutória. In: **Suíte crítica: estudos sobre a poesia de Luiz Bacellar**. Rio Branco: Nepan Editora, 2021, p. 9-11.

LIMA, Elissandra Lopes Chaves. **Dimensões da República das Letras no Amazonas: A Intelectualidade Gymnasiana em Manaus (19001930)**. 202 f. Dissertação (Mestrado em História). Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2012.

LIMA, Rachel Esteves de. Crítica literária: do rodapé à universidade. In: SOUZA, Eneida Maria de (org.). **Modernidades tardias**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 123-135.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Fatos da literatura amazonense**. Manaus: Universidade do Amazonas/Instituto de Ciências Humanas, 1976.

In Memoriam de Cid Lins (fac-simulado). Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001 (Coleção Documentos da Amazônia, n.º 44).

MITOSO, José Ribamar. **Narrativas orais – o conto oral do rio Negro e o conto artístico no Amazonas**. 93 f. (Dissertação de Mestrado em Natureza e Cultura na Amazônia). Manaus: Universidade do Amazonas, 2000.

Na viagem mítica da boiuna – O movimento cultural amazonense e a nova política cultural do Estado brasileiro. Lei 12.343/2010. 248 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2017.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares (Trad.: Yara Aun Khoury). In: **História e Cultura: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, PUC-SP, v. 10 (jul./dez., 1993), p. 7-28.

PAIVA, Marco Aurélio Coelho. A crítica nas margens. Péricles Morais e as representações literárias da Amazônia. **Novos Cadernos NAEA**, v. 18, n. 3, p. 101-128, set-dez. 2015, págs. 101 a 128.

PESSOA, Simão. Coletivo Gens da Selva, 02 de agosto de 2011. In: **Blog do Rocha**. Disponível em: <<http://jmartinsrocha.blogspot.com/2011/08/coletivo-gens-da-selva.html>>.

ROSA, José Almerindo Alencar da. Allison Leão – Geração Amazonhecer. In: OLIVEIRA, Rita do Péripétuo Socorro Barbosa de; SANTOS, José Benedito dos;

AZEVEDO, Kenedi Santos. **A literatura no Amazonas 1954-2010 – volume II**. Rio de Janeiro: Letras Capital, 2018, p. 138-150.

SANTOS, José Benedito dos. Breve estudo sobre a obra e a fortuna crítica de Elson Farias. In: OLIVEIRA, Rita do Pérpétuo Socorro Barbosa de; SANTOS, José Benedito dos; AZEVEDO, Kenedi dos Santos (org.). **A literatura no Amazonas: 1954-2010**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017, p. 74-104.

SOUZA, Fabrício Magalhães de Souza. **A formação da crítica literária acadêmica amazonense e seus itinerários pela poesia lírica do Amazonas (1982-2010)**. 220 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Universidade Federal do Amazonas, 2020.

SOUZA, Fabrício Magalhães de Souza; ALBUQUERQUE, Gabriel Arcanjo dos Anjos. **A formação da crítica literária acadêmica amazonense & seus itinerários pela poesia lírica do Amazonas**. Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS Feira de Santana, v. 21, n. 3, p. 32-47, setembro-dezembro de 2020, p. 32-47.

TELLES, Tenório; PAULO GRAÇA, Antônio. **Estudos de literatura do Amazonas**. Manaus: Valer, 2021.

TUFIC, Jorge. **Clube da Madrugada: 30 anos**. Manaus: Imprensa Oficial, 1984. **Existe uma literatura amazonense?** (ensaios). Manaus: União Brasileira de Escritores, 1982.